



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS – CAMPUS III**

**JACIARA NASCIMENTO DE SOUSA**

**A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO TEXTUAL FÁBULA NO ENSINO DA LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**GUARABIRA – PB**

**2014**

JACIARA NASCIMENTO DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO TEXTUAL FÁBULA NO ENSINO DA LÍNGUA  
PORTUGUESA**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda

**GUARABIRA – PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S719i Souza, Jaciara Nascimento de  
A importância do gênero textual fábula no ensino de língua portuguesa [manuscrito] : / Jaciara Nascimento De Souza. - 2014.  
15 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Dra. Wanilda lima Vidal de Lacerda,  
Departamento de Letras".

1. Gêneros Textuais. 2. Fábulas. 3. Ensino. 4. Língua Portuguesa. I. Título.

21. ed. CDD 410

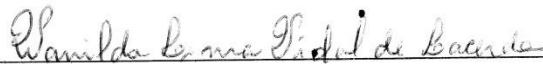
JACIARA NASCIMENTO DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO TEXTUAL FÁBULA NO ENSINO DA LÍNGUA  
PORTUGUESA**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

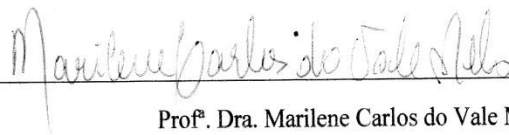
Aprovada em: 03. / 12 /2014

**BANCA EXAMINADORA**



Profª. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Orientadora



Profª. Dra. Marilene Carlos do Vale Melo

Examinadora



Profa. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins

Examinadora

## **RESUMO**

Este trabalho embasa-se em um levantamento realizado na literatura científica sobre a os Gêneros Textuais, identificando a sua importância para o trabalho com textos em sala de aula. Nesse sentido, destacaremos o gênero textual Fábula e mostramos como trabalhar a fábula no ensino da língua portuguesa, objetivo principal do estudo aqui apresentado, pois, nos últimos anos, apesar de ter havido mudanças com o trabalho com textos em sala de aula, os professores ainda apresentam uma postura equivocada, ensinando apenas as características de cada gênero, em vez da prática de seus comportamentos leitores e escritores. As reflexões empreendidas nesta pesquisa bibliográfica apontam o foco na fábula como uma ponte para auxiliar os alunos, por sabermos que o conhecimento sobre esse assunto é tão fundamental para quem é professor e, sobretudo da necessidade de o professor buscar formas de aperfeiçoamento e de renovação em suas aulas de leitura. No ensino de língua portuguesa é fundamental que o aluno tenha contato com a pluralidade de textos que circulam em distintas esferas de atividade humana, reconhecendo sua organização temática, composicional e estilística. Que a leitura em suas diversas variedades seja sempre o ponto de partida para as informações e discussões, para que o professor possa solicitar posteriormente do aluno a apropriação dos gêneros através da escrita, não separando leitura da escrita.

Dessa forma, podemos ver a adoção do gênero Fábula como colaborativa nas atividades do ensino, tornando a leitura mais prazerosa, facilitando a compreensão dos nossos educandos, ainda, formando nele a capacidade de análise e raciocínio de uma forma mais cativante.

**PALAVRAS – CHAVE:** Gêneros textuais. Fábulas. Ensino. Língua Portuguesa.

## 1 INTRODUÇÃO

Os gêneros textuais são formas criadas, usadas como práticas comunicativas e consideradas como oportunidades de se lidar com a linguagem em seus mais diversos usos no dia a dia o que nos leva a perceber a importância que eles possuem nas práticas didático-pedagógicas de Língua Portuguesa. Por haver uma heterogeneidade de textos circulando em nossa sociedade, devemos considerar a necessidade de tornar nossos alunos proficientes na leitura e na produção de textos.

Para melhor compreender o uso dos gêneros textuais, escolhemos abordar neste trabalho o gênero textual fábula por ser uma narrativa de breve extensão que se propõe a explicar atitudes ou situações que se mostram na vida cotidiana, defendendo e difundindo princípios morais. Além de estimular os alunos à leitura, ela promove a valorização da arte de narrar.

Iniciamos com uma breve fundamentação teórica sobre os gêneros textuais, baseada em autores como Bakhtin (2000), Fiorin(1987), Marcushi( 2002, 2003) dentre outros, para identificar a sua importância para o trabalho com textos em sala de aula. Em seguida, destacamos o gênero textual Fábula e mostramos como trabalhar com esse gênero textual no ensino da língua portuguesa, objetivo principal do estudo aqui apresentado, pois, nos últimos anos, apesar de ter havido mudanças com o trabalho com textos em sala de aula, os professores ainda apresentam uma postura equivocada, ensinando, apenas, as características de cada gênero, em vez da prática de seus comportamentos leitores e escritores.

As fábulas *O leão apaixonado* e *O Rei dos Animais* são o *corpus* para análise. O critério de seleção foi o importante fato de se verificar que nenhum gênero é uma forma rígida, inalterável, mas deve ser visto como instrumento de interação social, “dá forma à estrutura, transforma comportamentos em uma dada situação, representa a atividade e a materializa, e é o lugar de transformação, de exploração, de enriquecimento, de possibilidades” (SADOYAMA, p.13), mostrando, portanto, que os falantes são capazes de criar e modificar gêneros, dependendo de suas necessidades de uso.

## 2 GÊNEROS TEXTUAIS

O conceito de gêneros remonta à Antiguidade Clássica, passando, através dos séculos, por diferentes estágios do desenvolvimento do pensamento teórico, em variadas áreas do conhecimento, até chegar à atualidade, quando pesquisadores se incumbem da caracterização do chamado ciber gênero (ARAÚJO, 2003).

De acordo com Marcuschi (2003), numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII A. c., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros ampliam-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. Segundo Koch (2009), “construímos, ao longo de nossa existência, uma competência metagenérica, que diz respeito ao conhecimento de gêneros textuais, caracterização e função”. A competência metagenérica nos dá um norte para “quem”, “o quê”, “como escrever/falar”. Por exemplo, não podemos apresentar uma tese científica com uma linguagem informal, assim como que não tem lógica, em uma conversa com amigos, usarmos uma linguagem poética.

Segundo Marcuschi (2002), gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social que determinam as situações comunicativas. São caracterizados pela maleabilidade e dinamismo, pois surgem da necessidade de comunicação de cada época histórica. Segundo Marcuschi (2002, p.20) “Não há enunciado que não esteja combinando com um tipo específico de gênero. Sua materialidade é sócio historicamente definida e seus determinantes são sua forma, suas funções e seu suporte”.

Assim, percebemos que gêneros são diversas formas de expressar pensamentos, sejam eles escritos ou orais, são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano. Eles surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem e caracterizam-se por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais e que, por suas peculiaridades linguísticas e estruturais, cumprem funções comunicativas. Marcuschi (2003) vem definir que os gêneros não são instrumentos estanques, mas eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Relacionado ao gênero Bakhtin/Voloshinov (1988) considera o homem um ser histórico e social, carregado de valores e a língua, na qual e pela qual se constitui, como reflexo das relações estáveis entre os falantes. Para Bakhtin (2003), de acordo com a época e com os grupos sociais, em determinada situação concreta existem diferentes e inúmeros modos de dizer. Bakhtin (1979, 2000), também diz que, cada esfera da atividade humana elabora um variado número de gêneros, que reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas. Esses gêneros distinguem-se uns dos outros por seu tema, estilo verbal e por sua estrutura. Para ele, os gêneros têm as mesmas propriedades do enunciado; por

isso ele ora se refere a enunciado, ora a gênero. Assim, os enunciados (gêneros) apresentam cinco características constitutivas:

- a) **São delimitados pela alternância dos sujeitos falantes:** como ocorre naturalmente nos diálogos, e também nos gêneros escritos, porém, não de forma natural. Neste caso, o produtor imagina prováveis perguntas do interlocutor com suas respectivas respostas, visando suprir a ausência do interlocutor imediato. Assim, essa delimitação é dada pela resposta do interlocutor presente (real) ou ausente (fictício);
- b) **Têm acabamento específico:** esse acabamento é determinado por três fatores: a) tratamento exaustivo do objeto do sentido – varia conforme as esferas da comunicação verbal, ocorrendo com mais frequência nos gêneros padronizados ao máximo, em que a criatividade é quase inexistente; do que nos gêneros utilizados nas esferas criativas; b) o intuito, o querer-dizer do locutor – favorece o reconhecimento do acabamento do enunciado pelo interlocutor; c) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento – dependem da esfera da comunicação verbal, do tema, das circunstâncias, da posição social e do relacionamento pessoal dos participantes da comunicação; (grifo nosso)
- c) **São marcados pela intenção do locutor:** essa intenção revela o propósito discursivo do locutor, projeta as marcas da individualidade de alguém que defende um ponto de vista ao se envolver com um tema;
- d) **Intertextualidade:** os enunciados mantêm relações dialógicas com o que vem antes e com o que vem depois. Numa interação verbal, retoma-se enunciados de outros, mesmo que não seja explicitamente;
- e) **Têm um destinatário:** isso influencia na escolha, por parte do locutor, do gênero, dos procedimentos composicionais e dos recursos linguísticos. (grifo nosso) (BAKHTIN 2000, p. 302).

Os gêneros podem ser expressos nas modalidades oral e escrita. Para Marcuschi (2001, p. 37), porém, "as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais da produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos". Assim, a visão dele da relação fala e escrita não é dicotômica. Ele afirma que:

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais discursivas, relações lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos. (MARCUSCHI, 2001, p. 42)

Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e, sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais e particulares. Pois, segundo Bakhtin (1997) é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um texto e obriga-nos a compreender tanto as características estruturais (como ele é feito) como as condições sociais (como ele funciona na sociedade). E os gêneros têm a sua funcionalidade de estimular a compreensão, pois, "Conhecer um gênero de texto também é conhecer suas condições de uso, sua pertinência, sua eficácia, ou de forma mais geral, sua adequação em relação às características desse contexto social." (BRONCKART, 1999, p. 48).



Os gêneros textuais transformam desde um simples diálogo até uma dissertação científica, e por serem produtos de uma sociedade, são levados de elementos que caracterizam o contexto em que são aplicados. Segundo Marcuschi (2002, p.19),

[...] os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para organizar e consolidar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa [...] os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

O gênero textual não exclui ou despreza a tipologia textual tradicional (narração, descrição e dissertação), pelo contrário, os aspectos tipológicos são apresentados de forma mais ampla, já que passam a serem avaliados a partir do contexto social em que são utilizados. A seguir, os exemplos de gêneros e os grupos aos quais estão inseridos.

a) Narrativo:

Conto maravilhoso;

Conto de fadas;

Fábula;

Lenda;

b) Narrativa de ficção científica;

Romance;

Conto;

Piada;

c) Relato:

Relato de viagem;

Diário;

Autobiografia;

Curriculum Vitae;

Notícia;

Biografia;

Relato histórico;

d) Argumentativo:

Texto de opinião;

Carta de leitor;

Carta de solicitação;

Editorial;  
Ensaio;  
Resenhas críticas;  
e) Expositivo:  
Texto expositivo;  
Seminário;  
Conferência;  
Palestra;  
Entrevista de especialista;  
Texto explicativo;  
Relatório científico;  
f) Instrucional:  
Receita;  
Instruções de uso;  
Regulamento;  
Textos prescritivos;

### **3 Breve conceito sobre o gênero Fábula.**

Originalmente, a fábula é um gênero proveniente da tradição oral. As narrativas orais partiam de experiências do cotidiano e tinham a finalidade de entretenimento ou admoestação. Não tinham um autor específico e eram criações do imaginário coletivo (Machado, 1994). De cunho popular, circulavam entre o povo e tratavam de assuntos pertinentes a esse universo contado por pessoas no dia a dia, o que justifica sua denominação advinda etimologicamente do latim “*fari*” = falar e do “*phaó*” = contar algo, dizer (COELHO, 1984). No século VIII a.C. já se tinham notícias de que as fábulas eram histórias muito antigas, vindas do Oriente, que foram difundidas na Grécia, há 2600 anos, mas foi individualmente desenvolvida por um escravo chamado Esopo, quem a consagrou. Apesar de gago, corcunda, feio e miúdo, como diziam alguns, era inteligente, esperto e de muito bom senso, por esse motivo, conquistou a liberdade e viajou por muitas terras dando conselhos através das fábulas. Os assírios e os babilônios a aperfeiçoaram.

As fábulas, segundo Marcos Bagno (2006), correspondem a um gênero universal devido a sua íntima ligação com a sabedoria popular. Trata-se de “uma pequena narrativa que

serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude, e termina, invariavelmente, com uma lição de moral” (BAGNO, 2006, p. 51).

Em Moisés, o gênero fábula é definido como:

Do Latim – fábula, narração. Narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a parábola, em razão da moral, implícita ou explícita, que deve encerrar, e de sua estrutura dramática. No geral, é protagonizada por animais irracionais, cujo comportamento, preservando as características próprias, deixa transparecer uma alusão, via de regra, satírica ou pedagógica, aos seres humanos (MOISÉS, 1999, p. 226).

Desse modo, entendemos que fábulas são histórias inventadas em que os animais são os verdadeiros personagens. Através das conversações entre os bichos e das circunstâncias que os envolviam, eles faziam essa transmissão de sabedoria de caráter moral ao homem. Assim, os animais, nas fábulas, são exemplos para nós seres humanos.

La Fontaine foi outro grande fabulista, imprimindo à fábula grande refinamento. Entre os fabulistas mais conhecidos e consagrados, podemos citar ainda: Pilpary, Fedro, Lessing, Samaniego, Iriarte, Florian, Kriloff, Ramakrishna e Fonseca Jordão. Muitas fábulas, portanto, podem ser encontradas nas tradições russa, portuguesa, inglesa e francesa. No Brasil, vamos encontrar o escritor Millôr Fernandes que, de maneira irônica e bem humorada, escreveu muitas fábulas, ora recriações das de Esopo, ora de sua própria autoria, como instrumento de crítica social.

Segundo o site *Recanto das letras*, as fábulas surgiram há muitos séculos, provavelmente em virtude da necessidade de se inculcar nas pessoas uma série de preceitos morais. A verdade é que as pessoas não gravam facilmente os ordenamentos morais de forma racional; assim, é preciso desenvolver uma estória plena de emoção para alcançar o objetivo.

De acordo com FIORIN (1987), a fábula apresenta de maneira explícita a leitura de seu discurso figurativo; ela se caracteriza por ser um discurso que aflora outro discurso e revela que o mundo dos homens não é regido por belos ideais, mas pela força, pela astúcia, pelos interesses. Ela visa a proporcionar o desenvolvimento da percepção das intenções do autor, considerando que uma narrativa pode ser explícita ou implícita decorrida por argumentos. Desse modo, é caracterizada por ser um discurso do discurso. Nela há uma aversão entre a realidade e sua imagem explanada pelos discursos e essa oposição se estabelece entre dois discursos: narrador e personagem, o primeiro é sempre verdadeiro, o segundo é falso.

## 4 TRABALHANDO COM FÁBULAS

Para o desenvolvimento do estudo, escolhemos para objeto de análise as fábulas: “O Leão Apaixonado” e “O Rei dos Animais”. Em seguida fazemos uma pequena análise sobre elas observando não somente suas características do gênero, mas os recursos linguísticos usados pelos autores como uma contribuição à possibilidade de através delas algum professor ensinar a ler e a produzir textos com competência. A própria escolha de uma fábula moderna, como a de Millôr aqui inserida, é a nossa forma de deixar claro o fato de que é possível os falantes modificar ou criar gêneros. Compete ao professor levar o aluno a compreender e a tentar explicar como os diversos gêneros se manifestam e qual a relação existente entre a linguagem e as esferas sociais em que eles circulam, se transformam e podem até desaparecer. Levar os diversos modos de produção de texto à sala de aula é uma maneira de fazer com que o aluno se torne mais capaz de se tornar, também, um produtor de textos

### 4.1 BREVE ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO E DOS RECURSOS LINGUÍSTICOS EM *O LEÃO APAIXONADO* E *O REI DOS ANIMAIS*

#### **Texto: O Leão Apaixonado**

Certa vez um leão se apaixonou pela filha de um lenhador e foi pedir a mão dela em casamento. O lenhador não ficou muito animado com a ideia de ver a filha com um marido perigoso daqueles e disse ao leão que era muita honra, mas muito obrigado, não queria. O leão se irritou; sentindo o perigo, o homem foi esperto e fingiu que concordava: - É uma honra, meu senhor. Mas que dentes o senhor tem! Que garras compridas! Qualquer moça ia ficar com medo. Se o senhor quer casar com minha filha, vai ter que arrancar os dentes e cortar as garras. O leão apaixonado foi correndo fazer o que o outro tinha mandado; depois voltou à casa do pai da moça e repetiu seu pedido de casamento. Mas o lenhador, que já não sentia medo daquele leão manso e desarmado, pegou um pau e tocou o leão para fora de sua casa.

Moral: Quem perde a cabeça por amor, sempre acaba mal.

(ESOPO).

## **Texto: O Rei dos Animais**

Saiu o leão a fazer sua pesquisa estatística, para verificar se ainda o Rei das Selvas. Os tempos tinham mudado muito, as condições do progresso alterado a psicologia e os métodos de combate das feras, as relações de respeito entre os animais já não eram as mesmas, de modo que seria bom indagar. Não que restasse ao Leão qualquer dúvida quanto à sua realeza. Mas assegurar-se é uma das constantes do espírito humano, e, por extensão, do espírito animal. Ouvir da boca dos outros a consagração do nosso valor, saber o sabido, quando ele nos é favorável, eis um prazer dos deuses. Assim o Leão encontrou o Macaco e perguntou: "Ei, você aí, macaco - quem é o rei dos animais?" O Macaco, surpreendido pelo rugir indagatório, deu um salto de pavor e, quando respondeu, já estava no mais alto galho da mais alta árvore da floresta: "Claro que é você, Leão, claro que é você!". Satisfeito, o Leão continuou pela floresta e perguntou ao papagaio: "Currupaco, papagaio. Quem é, segundo seu conceito, o Senhor da Floresta, não é o Leão?" E como aos papagaios não é dado o dom de improvisar, mas apenas o de repetir, lá repetiu o papagaio: "Currupaco... não é o Leão? Não é o Leão? Currupaco, não é o Leão?". Cheio de si, prosseguiu o Leão pela floresta em busca de novas afirmações de sua personalidade. Encontrou a coruja e perguntou: "Coruja, não sou eu o maioral da mata?" "Sim, és tu", disse a coruja. Mas disse de sábia, não de crente. E lá se foi o Leão, mais firme no passo, mais alto de cabeça. Encontrou o tigre. "Tigre, - disse em voz de estertor -eu sou o rei da floresta. Certo?" O tigre rugiu, hesitou, tentou não responder, mas sentiu o barulho do olhar do Leão fixo em si, e disse, rugindo contrafeito: "Sim". E rugiu ainda mais mal humorado e já arrependido, quando o leão se afastou. Três quilômetros adiante, numa grande clareira, o Leão encontrou o elefante. Perguntou: "Elefante, quem manda na floresta, quem é Rei, Imperador, Presidente da República, dono e senhor de árvores e de seres, dentro da mata?" O elefante pegou-o pela tromba, deu três voltas com ele pelo ar, atirou-o contra o tronco de uma árvore e desapareceu floresta adentro. O Leão caiu no chão, tonto e ensanguentado, levantou-se lambendo uma das patas, e murmurou: "Que diabo, só porque não sabia a resposta não era preciso ficar tão zangado".

**MORAL:** Cada um tira dos acontecimentos a conclusão que bem entende.

(MILLÔR FERNANDES, 1964.p.23)

## 4.2 Análise das Fábulas

Ambos os textos são narrativas curtas (a primeira menor que a segunda) têm um título chamativo. Voltadas para o público jovem ou adulto, a primeira trata de uma situação problemática, de conflito, em que o animal (leão) consciente de sua força e do perigo que representa para o ser humano, solicita em casamento a filha do lenhador. A segunda trata de um leão, que aparentemente se considerava seguro na sua posição de rei dos animais, mas vaidoso desejava saber se as mudanças de opiniões súbitas que às vezes atingem os seres humanos, também haviam atingido os animais da floresta. Saiu a indagar a vários deles quem era o rei dos animais ou quem mandava na floresta. Tanto o macaco quanto o papagaio, a coruja e o tigre, por razões diversas, confirmam o seu poder, apenas o elefante, agiu diferentemente, lançando-o contra uma árvore.

Os elementos básicos da narrativa se fazem presentes, com os seguintes personagens: na primeira fábula: o leão, o lenhador e a filha do lenhador, que é apenas mencionada. Na segunda, o leão também é personagem assim como o papagaio, a coruja, o tigre e o elefante. Em ambas, o leão é o perdedor. Na primeira, cego pela paixão, na segunda, cego pela arrogância. O tempo, como em todas as fábulas é indefinido, mais remoto, na primeira fábula e mais recente, e o espaço, embora sem ser citado explicitamente, é a floresta, lugar onde naturalmente, moram leão, lenhador e outros animais. Ambas são construídas em linguagem simples, informal, com o uso do discurso indireto, em 3ª pessoa.

Na primeira fábula, o discurso direto se faz presente apenas na fala do lenhador que, após falar ao leão que não o queria como genro, percebeu “o perigo” e disfarçando respeito e obediência “meu senhor” finge que concorda com o casamento e impõe algumas condições “se o senhor quer casar com minha filha, vai ter que arrancar os dentes e cortar as garras”.

Na segunda fábula, o discurso direto se faz nas indagações ao macaco, à coruja, ao tigre e ao elefante e nas respostas de todos eles, exceto na resposta do elefante que não foi verbal, ele preferiu agir, tomar uma atitude. O seu silêncio foi também uma forma de dizer de sua raiva ao questionamento do leão.

A adjetivação tem papel fundamental para a construção de sentido do texto, pois além de caracterizar os personagens, determinam o conflito e o desfecho da narrativa. Nas construções *marido perigoso*, *garras compridas*, *leão apaixonado*, *leão manso e desarmado* percebemos as mudanças ocorridas no leão que, ao apaixonar-se passa de um extremo a outro:

de perigoso a manso (inofensivo). E o lenhador, da condição de inferior, porém “esperto” e conhecedor da fraqueza do leão, passa de dominado a dominador da situação, ou seja, ele soube enganar o leão de forma sórdida e calculista, e o leão por amor fez o que ele pediu, pensando ele que iria ser aceito na família. Na fábula *O rei dos animais*, a adjetivação diz mais respeito ao leão, à maneira como ele mesmo se vê e se julga. Quanto aos outros animais, a adjetivação e os advérbios usados indicam como eles se comportam ou reagem com relação ao leão revelando o medo deles para aquele que se considera “*Rei, Imperador, Presidente da República, dono e senhor de árvores e de seres, dentro da mata*”.

Na primeira fábula, utiliza-se da imagem do leão para apresentar as implicações de um amor impossível cuja moral deixa claro que quando alguém ignora seu lado racional ao apaixonar-se, além de perder sua identidade, torna-se subordinado. Na segunda fábula, a imagem do leão representa a vaidade e asoberba do ser humano ao sentir-se poderoso, “*ouvir da boca dos outros a consagração do nosso valor, saber o sabido, quando ele é favorável, eis um prazer dos deuses.*”

Cabe-nos, ainda, comentar a inserção na fábula de Millôr na realidade atual, pois como já foi citado, para Marcuschi, os gêneros são vinculados à vida social e à cultura, referindo-nos ao fato de o autor dizer que o leão saiu a fazer uma *pesquisa estatística*; bem como dizer da preocupação do leão com a mudança dos tempos alterando o comportamento psicológico, o respeito e os modos de combates dos animais. Isto é uma maneira irônica de criticar o comportamento dos seres humanos para quem valem as estatísticas norteadoras de certas atitudes, como também o desrespeito que há às pessoas mais velhas ou hierarquicamente superiores, assim como as armas com que hoje se luta e se enfrenta a vida, tão bem representadas na atitude do elefante que, sem dialogar com o leão, deu-lhe uma resposta violenta, inesperada.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo da afirmação de que na vida diária temos de saber lidar com os diversos gêneros textuais que atuam em sociedade, tecemos neste trabalho nossas reflexões a respeito de diversas teorias sobre gêneros textuais e, após isso, ficou o conhecimento sobre esse assunto tão fundamental para quem é professor e, sobretudo, o entendimento da necessidade de o professor buscar formas de aperfeiçoamento e de renovação em suas aulas de leitura.

Com as duas fábulas, que analisamos, nossa intenção foi mostrar que no ensino de língua portuguesa, é fundamental que o aluno tenha contato com a pluralidade de textos que circulam em distintas esferas de atividade humana, reconhecendo sua organização temática, composicional e estilística.

O papel do professor é indispensável como mediador, planejando suas atividades de modo a fazer com que os alunos se interessem por conhecer, compreender a dinâmica dos gêneros bem como o contexto situacional em que cada um deles ocorre e se torne apto a adaptar determinado gênero a outro contexto. Que a leitura em suas diversas variedades seja sempre o ponto de partida para as informações e discussões, para que o professor possa solicitar posteriormente do aluno a apropriação dos gêneros através da escrita, não separando leitura da escrita.



## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Paulo de. Caracterização do Cibergênero: Home Page Corporativa ou Institucional. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. v 3, n 2. Tubarão, SC, 2003.

BAGNO, Marcos. **Fábulas Fabulosas**. In: Práticas de leitura e escrita / Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). – Brasília: Ministério da Educação, 2006.

Disponível em: [http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/publicacoes/salto\\_para\\_o\\_futuro/livro\\_salto\\_praticas\\_de\\_leitura\\_e\\_escrita.pdf#page=51](http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/publicacoes/salto_para_o_futuro/livro_salto_praticas_de_leitura_e_escrita.pdf#page=51). Acesso em: 10 out. 2014.

BAKHTIN, Michael. **Estética da comunicação verbal**. São Paulo : Martins Fontes,1997.

Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/port/84.pdf>>  
Acesso em: 01nov . 2014.

\_\_\_\_\_,**Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2000.

Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/viewFile/13551/7704>.  
Acesso em 25 out. 2014.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de Linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDU,1999. Disponível em <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/port/84.pdf>> Acesso em 02 out.2014.

COELHO, N.N. **A Literatura infantil: história, teoria, análise**. 3ª ed., São Paulo, Quíron, 1984.

FERNANDES, Millôr. **Fábulas fabulosas**. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1964, p. 23.

FIORIN, José Luiz. Millôr e a destruição da fábula. In.: **ALFA**: revista de linguística, n. 30/31, p. 85, São Paulo:UNESP,1987.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

MACHADO, A.R. Gênero de textos, heterogeneidade textual e questões didáticas. In: \_\_\_\_ **Abralin**, nº 33,1998.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1999.

MARCUSCHI, L. A.Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. **Investigando a relação oral/ escrito e as teorias do letramento**. 1. ed. - São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

\_\_\_\_\_, Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio A. P. et al (Org) **Gêneros textuais e Ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.